

NÃO É NUNO GONÇALVES O PINTOR DOS PAINÉIS! É OUTRO PORTUGUÊS CUJO NOME ENCONTREI

—afirma JOSÉ DE BRAGANÇA

Na página de Quinta-feira de há duas semanas (n.º 165), o «Diário Popular» extraiu do último Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga um edificante trecho de prosa oficial, que revela mais «um episódio do velho e controvertido problema dos Painéis».

Como título, pôs-lhe esta tremenda interrogação: «São insolúveis os problemas levantados pelos Painéis de S. Vicente?» — seguindo esta categórica afirmação: «É pessimista a posição das Janelas Verdes».

Foi assim trazido ao grande público o conhecimento de uma discrepância séria entre o critério do director do nosso primeiro Museu e a Academia de Belas-Artes — aliás, só uma parte desta, que se pronunciou no caso por escassa maioria, obtida graças ao voto de um académico que se ausentou durante os renhidos debates. A outra metade dos presentes aprovava a convenien-

cia da honesta interrogação a colocar diante do nome de Nuno Gonçalves — como

Foi nessa exposição que se abandonou a disposição dos Painéis em 2 trípticos, que lhe impusera José de Figueiredo, e desde então passaram a expor-se no Museu em um só políptico de 6 tábuas; tal como eu os publiquei em Fevereiro de 1926.

«Diário Popular», responde afoitamente: — Não são insolúveis os problemas levantados pelos Painéis ainda chamados de S. Vicente. Em primeiro lugar há que distinguir entre: a) os problemas que apresentam os próprios Painéis, resolúveis, como não pode deixar de ser, pelo estudo; b) os problemas criados pela intervenção de entidades

«Diário Popular», responde afoitamente:

— Não são insolúveis os problemas levantados pelos Painéis ainda chamados de S. Vicente.

Em primeiro lugar há que distinguir entre:

a) os problemas que apresentam os próprios Painéis, resolúveis, como não pode deixar de ser, pelo estudo;

b) os problemas criados pela intervenção de entidades

**FIXEI, ENTRE LIMITES PRECISOS,
A DATA EM QUE SE FEZ O
POLÍPTICO E QUAL O SEU DESTINO**

o dr. João Couta já propusera desde 1940, por ocasião da grande Exposição de Primitivos Portugueses.

O prof. Reinaldo dos Santos, nas breves páginas que servem de Introdução ao volume dos «Primitivos Portu-

**QUINTA-FEIRA,
à tarde**

N.º 167

DO ROMANCES

Por ADONIAS FILHO

A propósito de «A Viúva Branca de Ascendino Leite», e tendo à vista o tema stendhaliano que é a da infidelidade da mulher, foi com oportunidade que fiz a análise do drama da carne em «Adornos Ficcionalistas Brasileiros». Um estudo da condição, servindo de passagem a todos os grandes problemas humanos e convertendo-se por isso mesmo em matriz literária, é possível que basta sua duração para justificar a autenticidade. Nessa duração, porém, feita através de quase to-

dos os géneros literários, seria inevitável que a densidade psicológica superasse a narrativa episódica e a representação lírica. A contribuição de Stendhal, em consequência, foi a de restringi-lo a um campo de análise, cortando o transbordamento, explorando-o na criatura em função tanto dos sentidos quanto da consciência. É aí precisamente — sem confundir-lo com a sexo que viria marcar boa parte da ficção moderna — que Ascendino Leite, situando «A Viúva Branca», como que abriu a porta para «O Soffo Mortal».

Os dois romances, apesar da dessemelhança de tratamento, não se distanciam quanto ao reconhecimento. Em «O Soffo Mortal», concedendo maior expansão aos valores subjectivos — com repercussão na linguagem que se faz, excessivamente poética —, não se evita a limitação que proíbe ao drama descarregar-se em todas as consequências. A tessitura, em qualquer dos lados, nessa contacto entre a sedução masculina e as primeiras curiosidades femininas, é constituída com tamanha disciplina que se presente o que não se revela. Lançando as figuras, numa técnica que mostra lentamente os caracteres, movimentando-as em cenas que se dilam sombras da realidade, é extraordinária como — no processo que exige a maior firmeza de artesanato — não invalida a vida.

A carne, que é o sangue de tudo e tudo explica na sucessão dos conflitos interiores, tem descrita sua força e descoberto seu poder de obismo naquela preparação que, indo dos instintos à consciência, perturba a criatura na própria personalidade. Em «O Soffo Mortal», porém, o romancista já adquiriu uma experiência. A experiência resultante de «A Viúva

Branca». No romance posterior — «O Soffo Mortal» —, se essa experiência conta no sentido da concepção arquitectónica, do encaminhamento da acção episódica, na caracterização dos personagens, e sobretudo válida no reconhecimento do drama da carne. Outra variação, poder-se-ia acrescentar, — do tema stendhaliano.

(Continua na pág. seguinte)

UM PRÉMIO para Kokoschka

O Prémio «Roma 1900», um dos mais importantes do mundo em pintura, foi atribuído ao austríaco Oscar Kokoschka, considerado, hoje, o mais genuíno representante do expressionismo germânico. Kokoschka, que nasceu em 1886, é, também, poeta, dramaturgo e contista.

POETAS EXEMPLARES

Por VITORINO NEMÉSIO

Dois poetas da velha guarda, António Correia de Oliveira e João de Barros, dão que falar de si à entrada do ano do Infante; um, posto na ordem do dia pela morte que o levou, outro pela idade avançada que torna a sua companhia preciosa aos olhos dos que não se avergonham de admirar. Ambos veneráveis pela longa fidelidade à utopia, cada um deles se situou em diversa esfera de crenças, mas ambos acreditaram com o mesmo vigor na condição humana, que, como a nós, lhes foi dada sob a forma de gente cristã, na língua de um povo velho e corresponsável pelo Mundo, num tempo, para eles, de transição entre o efémero sossego da Europa ditocentista e a estrada obscura e dura no limiar da era atómica.

Tanto ou mais do que o aival literário



O Infante D. Pedro a quem se tem chamado D. Afonso V (afirma José de Bragança)

aquele nova (?) apresentação. Naquela Exposição, sem dúvida — quereria dizer. Mas os que o escutavam é que entenderam mal...

Mas vamos ao fundo da questão. A interrogação do

aparentemente responsáveis e que desde há meio século se têm mostrado incapazes de resolver satisfatoriamente um

NÃO SÃO INSOLÚVEIS OS PROBLEMAS LEVANTADOS PELOS PAINÉIS AINDA CHAMADOS DE S. VICENTE. SE HÁ QUEM PRETENDA O CONTRÁRIO — ESSES É QUE SÃO «PESSIMISTAS», PÔIS SE CONTENTAM COM O PIOR

puro problema de cultura portuguesa — ou melhor ainda, de cultura europeia.

Sobre os primeiros, não há mais mistério que o que resulta da densidade da ignorância e

(Continua nas págs. centrais)



A «Leis», escultura de Marquês Correia, colocada na fachada do Palácio da Justiça, em Leiria

É DE LEONARDO UM QUADRO ATRIBUÍDO a Verrocchio?

A Real Academia de Arte anuncia que o quadro «Nossa Senhora adorando o Menino Jesus», atribuído a Andrea Del Verrocchio, que foi mestre de Leonardo Da Vinci, talvez tenha em breve a ser reconhecido como pintado, em parte, pelo próprio Da Vinci. Isto elevaria consideravelmente o valor da obra, actualmente avaliada no equivalente a cerca de seis mil contos.

Foi um jovem historiador italiano de arte, dr. Alberto Martini, quem atentou pela primeira vez na semelhança da «Nossa Senhora adorando o Menino Jesus» com o estilo de Da Vinci, quando apreciava os quadros de uma exposição de pintura, nesta cidade. Notificou imediatamente os membros da Real Academia de Arte, assegurando que o principal autor não podia ser outro senão o pintor renascentista. Os especialistas ingleses admitiram que Da Vinci tivesse colaborado com o mestre, especialmente pela atenção dispensada no quadro às linhas arquitectónicas do fundo sobre que se recorta a figura ajoelhada de Nossa Senhora, de manto azul sobre veste vermelha, em adoração diante do Menino.

Leonardo, que viveu entre 1452 e 1519, foi aluno de Verrocchio, em Florença, desde os 18 anos. Actualmente, existem apenas oito quadros reconhecidos como seus. «Nossa Senhora adorando o Menino Jesus» mede cerca de 105 por 65 centímetros.

LETRAS

CRIOU-SE À VOLTA DOS PAINÉIS UMA ESPÉCIE DE TABÚ NACIONAL

(Continuação da 1.ª pág.)

dos atrevimentos de fantasistas.

Quanto aos segundos, esses suscitam e envolvem respeito humano, que não fazem senão obscurecer a questão, criando uma espécie de tabu nacional, que encontra clima adequado nesta época de ressurreição de mitos.

Longos anos de estudo (uma vida inteira!) suportando a uns o silêncio sistemático — a pior das violências, segundo o ditoso filósofo que as não conheceu piores — sofrendo de outros a própria calúnia «confidencial» junto de quem pode e deve decidir, cheguei, perseverando metódicamente, a conclusões claras sobre os problemas de toda a espécie que se adensam e complicam a resolução deste caso, que reputo de primacial importância no

mento amputado, mas de que possuo cópia integral.

O pintor dos Painéis é outro português, cujo nome encon-

José de Bragança, o autor do sensacional artigo sobre os Painéis de S. Vicente que hoje publicamos, nasceu em 17 de Abril de 1892 e fez os seus estudos superiores na Sorbonne, tendo exercido o magistério no Collège Sainte-Barbe. Na famosa Questão dos Painéis, interpretou a célebre pintura do Museu Nacional de Arte Antiga como sendo um único políptico de seis tábuas, sem lhe julgar qualquer dos seus elementos constitutivos, representando a beatificação do infante D. Fernando. Atribuiu a sua autoria a um pintor português, mas não a Nuno Gonçalves, posição que mantém, há largos anos, afirmando, no artigo acima, possuir provas indiscutíveis e o nome do verdadeiro autor da discutida pintura. Nessa época, denunciou a falsidade de documentos que acerca da famosa questão vieram então a público. Professor auxiliar da extinta Faculdade de Letras do Porto, é autor de diversos estudos históricos, entre os quais se destacam os que tratam os primórdios da historiografia portuguesa, que recebeu a um século antes de Fernando Lopes. Publicou edições críticas das crónicas dos séculos XV e XVI e fez um curso sobre a Evolução das Formas, na Sociedade Nacional das Belas Artes, em 1934. Dirigiu em França a secção portuguesa de uma importante editora, escrevendo monografias sobre pintores e escultores, e hoje considerado uma das maiores autoridades sobre a história e o sempre misterioso problema dos painéis.

trei exactamente onde espereira encontrá-lo.

Mas num país em que das bibliotecas desaparecem do-

cumentos autênticos, todas as cautelas são poucas...

Confidencieii o nome do verdadeiro pintor a uma única pessoa, que pensei ser a mais indicada para arrancar esta vergonhosa questão do ponto morto em que jaz e do vácuo cultural que provoca na história real da nossa pintura primitiva.

Mas não chegou ainda a hora, pois há quem pare os ponteiros do relógio inelutável da verdade.

Posso ainda afirmar que fico

(Conclui na 6.ª pág.)



Portmear do

ANTOLOGIA de Reve

COM A BREVIDADE QUE CONVÉM, FALA-SE DE

FACIL é jogar com palavras, julgando que são elas que há-de fazer tudo. Não fazem nada. Tudo tem de existir antes das palavras. Depois, é preciso ser simples como elas. Porque as palavras são sempre simples, quando são rigorosamente e só, aquelas que dizem o que nós pensamos. Etc, etc. Meus caros senhores, andamos a fazer isto há uns anos e, portanto, quem não o aprendeu já não o aprende. Nem Inácio, nem Lourenços. Já se não usa nem nunca se usou, porque caiu logo seco, já se não usa aquele estilo com muita calda de açúcar, em que se falava da «tristeza adunca» e do «sorriso cabriolando nos olhos felinos, demonicamente sibitinos. Quais felinos? São gatos! Lava-lhe a cara, que é linha.

— Jorge C., nas duas poesias «Natal» e «Razão», principalmente na primeira, afirma reais qualidades de

Publicações

— Salu mais, número, este r... de 1950, desta revista cultural, inclui elaboração de Nikias Ekapanakis, J. Sant'Ana Dionísio, Luis Ribeiro, F. Ferreira da Costa, Rui Grácio, Ernesto de Sousa, Vieira de Almeida, António Alfredo, Manuel Granjeiro Crespo, Julião Quintinha, António Ramos Rosa, Eurico da Costa e A. Cardoso.



Figura de uma das tábuas do políptico

REGISTO bibliográfico

«EUROPA E EUROPEUS», por Max Beloff — Em colaboração e por iniciativa do Conselho da Europa, editou, agora, a Editora Ulisseia, na sua colecção «Documentos do tempo presente», esta obra notável, balanço da discussão que em 1953, sob a direcção do prof. Max Beloff, reuniu em Roma, para estabelecer um conceito da realidade cultural europeia, um grupo de pensadores de grande nomeada, tais como Arnold Toynbee, Friedlander, Gabriel Marcel, Dennis de Rougemont, Hans Raupach e outros.

A obra foi admiravelmente traduzida pelo sr. prof. dr. Vieira de Almeida, valorizando o volume sugestiva capa de Sebastião Rodrigues.

escuro panorama da nossa cultura.

CONFIDENCIEII O NOME DO VERDADEIRO AUTOR DOS PAINÉIS A UMA ÚNICA PESSOA

Sempre afirmei que o pintor dos painéis não podia ser Nuno Gonçalves, pois as razões invocadas para tal identificação assentavam numa viçiosa interpretação do texto de Francisco de Holanda. E o caminho para a identificação da obra e do estilo desse pintor italianisante, que existiu sem dúvida, foi interceptado pela publicação de um docu-

Det oferece

1 par de meias

Sabrina

NYLON-DUPONT DE 1.ª QUALIDADE

CONTRA A ENTREGA DE 2 TAMPAS *

DE PACOTES GRANDES

OU 3 DE PACOTES PEQUENOS

E APENAS 10\$00

DIRIJA-SE AO SEU FORNECEDOR

* ATENÇÃO: Só são válidas as tampas superiores dos pacotes

CRÍTICA

(Continuação das págs. centrais)
 eos e sociais (que, quer queiram quer não, foram os legítimos antecedentes das novas gerações), só por si suficientemente fortes para nos obrigarem a ler com curiosidade essas recordações e testemunhos de épocas vivas e combativas.
 Da leitura deste livro chega até nós a estranha sombra de um poeta longo tempo escondido no manto da fama adversa e de um destino irremediavelmente popularizado. E, de facto, a atra de mistério, de insubmissão e revolta, de indisciplina e dissipação é tão grande em Gomes Leal que, apesar de tudo o que se tem feito para a sua reabilitação — até um centenário marcado por que-reilas e polémicas — não logrou ainda enraizar esta primeira verdade por todos conhecida mas de todos esquecida: ele foi, entre os do seu tempo e do seu tempo até ao modernismo, o primeiro poeta a fazer ecodir o petardo que destruiu a barricada das convenções literárias.
 E, contudo, Gomes Leal já mereceu as atenções da crítica mais responsável: Moniz Barreto, em 1939 incluiu-o na curta panorâmica que então traçou sobre a Literatura Portuguesa Contemporânea; Vitorino Nemésio escreveu uma das melhores biografias do poeta (*Redeio de Gomes Leal*); Gaspar Simões dedicou-lhe um longo capítulo na sua História da Poesia Portuguesa; compendistas e traductistas de Literatura nunca dele se esqueceram. Finalmente, esta antologia vem propor o que ainda resta rever, isto é, a obra do poeta sperida de modo que possa alcançar o público. Só assim nos habituaremos à ideia de que Gomes Leal não foi apenas um poeta místico (ou nunca o foi); não foi apenas um planfletário (ou só o foi na medida em que para ele a poesia era uma arma); não foi sempre um poeta filioso (embora o pretendesse tão alucinadamente como pretendia ser político); que foi, enfim, tão intrinsecamente e descontroladamente lírico quanto alguém o pôde ser na nossa literatura.

NECRÓPOLE COM MAIS DE MIL MÚMIAS descobriria no Egipto

TEM mais de 5.500 anos uma necrópole recentemente descoberta nas margens do Nilo, perto de Eneiba, na Núbia — segundo notícia a imprensa. Até agora foram postos a descoberto 400 múmias e encontradas mais de mil múmias — algumas delas em posições estranhas, que levam a crer que tenham sido pessoas assassinadas ou sepultadas vivas.
 O jornal «Al-Ahram» apresenta outra versão: tratar-se-ia de uma epidemia.
 Foram também recolhidos exemplares de cerâmica, colares com rubis, pulseiras de madreperola e outras jóias.

A QUESTÃO DOS PAINÉIS

(Conclusão das págs. centrais)
 xe, entre limites precisos, a data em que se fez o políptico e qual o seu destino, onde esteve exposto largos anos.

— A sua significação — uma complexa página da nossa história — é expressa pelas personagens dispostos nos primeiros planos.

Mas espero ainda encontrar mais e melhor: a descrição coeva de toda a obra, feita por um dos retratados.

Tudo isso podia ser hoje conhecido.

PARA UMA HISTÓRIA SINCERA DA PINTURA PORTUGUESA

A minha triste experiência diz-me que a mais qualificada dessas instituições apenas me pode tirar aquilo que me não pode dar — o tempo.

Se me não negassem as possibilidades de prosseguir nas minhas investigações, poderia há muito ter publicado um trabalho definitivo, ante o qual emudeceria todas as veleidades de manter o erro, a que se pretende dar foros de oficial.

Assim, resta-me apenas um recurso: mostrar a falta de seriedade com que estes assuntos são tratados entre nós num trabalho que se intitula: Para uma história sincera da Pintura Portuguesa.

Depois, e só depois, por que não se pode construir sobre erros e desacertos, virá a integração da nossa pintura primitiva no movimento geral de quatrocentos, em que temos de reivindicar um bem maior quinhão de glória entre a produção artística do mundo ocidental.

Quero terminar com uma frase de Salazar, proferida na Bolsa do Porto: «Na vida pública, como na particular, a falta de sinceridade desgosta e cansa.»

Como quem corre por gosio, por firanda do espírito, não cansa, — eu prossigo. Mas tudo isto desgosta, evidentemente.

JOSE DE BRAGANÇA

4-III-60

queida: ele foi, entre os do seu tempo e do seu tempo até ao modernismo, o primeiro poeta a fazer ecodir o petardo que destruiu a barricada das convenções literárias.
 E, contudo, Gomes Leal já mereceu as atenções da crítica mais responsável: Moniz Barreto, em 1939 incluiu-o na curta panorâmica que então traçou sobre a Literatura Portuguesa Contemporânea; Vitorino Nemésio escreveu uma das melhores biografias do poeta (*Redeio de Gomes Leal*); Gaspar Simões dedicou-lhe um longo capítulo na sua História da Poesia Portuguesa; compendistas e traductistas de Literatura nunca dele se esqueceram. Finalmente, esta antologia vem propor o que ainda resta rever, isto é, a obra do poeta sperida de modo que possa alcançar o público. Só assim nos habituaremos à ideia de que Gomes Leal não foi apenas um poeta místico (ou nunca o foi); não foi apenas um planfletário (ou só o foi na medida em que para ele a poesia era uma arma); não foi sempre um poeta filioso (embora o pretendesse tão alucinadamente como pretendia ser político); que foi, enfim, tão intrinsecamente e descontroladamente lírico quanto alguém o pôde ser na nossa literatura.

(1) — Coleção Poesia e Verdade — Ed. Gulmarães, Lisboa, 1960.

JOÃO PALMA FERREIRA REGISTO DE POESIA

— A VOZ DOS MUNDOS, por A. Monteiro da Fonseca, Coimbra, 1960. Trata-se da 2.ª edição de um poema escrito no decorrer da última grande guerra e publicado primeiramente em 1945.
 — O JORNAL E O PERTO, por Elviro Rocha Gomes, Faro, 1960. Supomos que é este o primeiro livro de poemas que E. Rocha Gomes publica e que, além de uma ou outra poesia onde se encerra o verso livre, só nos oferece repetidos lugares-comuns.

— ONDAS E ASTROS, por Maria de Zegarra, Lisboa, 1959.

Esta estreita poética, precipitada como quase todas as estreias, exibe, no entanto, algumas qualidades que estimaríamos ver depuradas de um certo pendor para a facilidade. Em alguns poemas, destaca-se o poema XI — «para além do céu é que há o céu...» —, podendo apontar vestígios de um esforço de criação que, porém, se estiola na discursividade e na falta de seriação de temas e de forma.

— FRUSTRAÇÃO, por Afonso de Sousa, Coimbra, 1959. Afonso de Sousa, como nos diz na Nota final que acompanha este livro, aguardou muito tempo antes de publicar a obra, e o resultado que se compõe o presente volume; fortes motivos o devem ter levado a publicá-lo agora, quando só poetas verdadeiramente geniais conseguem vencer o sono sobre aspectos novos, ou afastá-lo da mediocridade em que, infelizmente, por tanto uso e abuso, veio a cair. Louvemos, pois, a intenção nobre do autor, embora tenhamos de deplorar a qualidade da obra.

— DRAMA ÍNTIMO, por Agostinho J. Caramelo, Lourenço Marques, 2.ª edição, 1959. O poeta Caramelo, que nos promete, para breve, um temível romance cujo título já de si é bastante elucidativo, *Drama Trágico dos Filhos da Miséria*, diz-nos no prefácio de *Drama Íntimo* que sente faltar no livro a perfeição do Absoluto. Ora, de entre as muitas coisas que lhe falta, é a perfeição a primeira, e depois o senso-comum; e esta é a falha essencial, pois se algum senso tivesse o autor nunca publicaria semelhante livro.

— DRAMA ÍNTIMO, por Agostinho J. Caramelo, Lourenço Marques, 2.ª edição, 1959.

O poeta Caramelo, que nos promete, para breve, um temível romance cujo título já de si é bastante elucidativo, *Drama Trágico dos Filhos da Miséria*, diz-nos no prefácio de *Drama Íntimo* que sente faltar no livro a perfeição do Absoluto. Ora, de entre as muitas coisas que lhe falta, é a perfeição a primeira, e depois o senso-comum; e esta é a falha essencial, pois se algum senso tivesse o autor nunca publicaria semelhante livro.

J. P. F.

ANTOLOGIA DE REVELAÇÕES

(Continuação das págs. centrais)
 Mas promete. Os seus versos têm força e espontaneidade. Mas são, sem dúvida, a promessa de outros melhores. Temos a certeza.

E também temos a certeza de que a «Dúvida» do poeta Henrique Neves, é uma dúvida vulgar; da «Chuva», já estamos fartos. Mas o «Mar», sim. Na procura da sua originalidade, pode o poeta enganar-se e vestir outropéis já coçados e bafientos dos armários dos antigos senhores deles. Mas não faz mal. Bem vemos que é capaz de os despir na praça pública. A originalidade não é preciso procurá-la, que ela é como a erva ruína, que até sai debaixo das pedras. Defendê-la dos adubos artificiais, isso sim. Mas nós somos pelo estrume autêntico. Bem currido. Sem pressa. Senão é só palha. E também temos a peregrina ideia de que quem aos 20 anos não é rebelde — é parvo. A rebeldia serena, consciente da sua força e da responsabilidade de a ter, é confiança em si e no futuro.

MAR

Massa longa, estirada em azul, visca, Erausto
 Escuto tuas ninfas que pedem à minha alma andrajosa
 O corpo em holocausto
 E pretreio em manísido abstracta e indifferente
 Insano

Escuto tuas ninfas que oferecem à minha alma indigente
 O clarão ufano
 Do convite em cântico traucando. E quando sigo
 Ainda olho o mar em sussuro.
 — Anda... Descansa, vem deitar-te...
 Comigo...



(Continuação da 3.ª pág.)

METAMORFOSEADAS

18 Com o meu rípanço limpé o chão com pedra-pomes. — (75).
 FERJOR (T. E. A.) Almada

19 Actualmente a constância num ideal político ou religioso é, para certas pessoas, uma coisa que está fora de moda. — (54).
 JOÃO DA CIDADE Lisboa

20 O pobre-diabo não conseguia pagar a água. — (70).
 R. N. JICO Lisboa

PARAGÓGICAS

21 E preciso rizeja na linha para enfiar a agulha. — (23).
 CICRANO Marinha Grande

22 Jogral de mil fantasias, o homem, ingloriamente, mascara a verdade de mentira. — (34).
 LURICAR Monchique

23 Onde estiver saúde e alegria, dá felicidade a mais simples arca. — (12).
 ZE CHAMUSCA Almétim

PROTÉTICAS

24 A lisonja é agradável, quando a não acompanha um ar zombeteiro... — (34).
 ISA Portalegre

25 A botija é nova. — (23).
 MAJOPISIL Celorico de Basto

ARCO-ÍRIS

(Continuação das págs. centrais)
 estilo próprio para a polémica, que se tornou inconfundível. Não poupava quem entendia que não devia poupar. O seu jornal O Povo de Aveiro, era um contínuo ajuste de contas. Conta-se que, um dia, notaram a Homem Cristo que o seu apelido Cristo devia ser propenso ao perdão:
 — Sim — ripostou ele, imediatamente. — Eu sou Cristo, mas também sou Homem!

O compositor Frederico Valério festeja as alegrias da paternidade. Nasceu-lhe, há dias, uma filha.

«Parabéns, é Valério! E a pequena, que tal?»
 Logo ele:
 — Modéstia à parte, julgo que é a minha melhor composição.

Parece que foi em 1560 que abriu na rua Direita das Portas de Santa Catarina — antepassada da actual rua Garrett — uma taberna de um tal Gaspar Dias, de alcunha «O

Chilão, que deu o nome à artéria mais elegante de Lisboa. Neste ano de tantos centenários, não seria mais um centenário a celebrar?
 L. O. G.

SOLUÇÕES

PALAVRAS DIFICEIS — Acroama, canto ou discurso harmonioso; Alho, estilo literário puro e elegante; Atrate, vestido de negro ou de luto.

BRIDGE — Marque três espadas. Com nove pontos e um bom naipe deve tentar marcação para partida, tendo um parceiro cuja marcação seja pura e elegante; Atrate, do saito da sua resposta deixa ao seu parceiro a escolha da marcação para partida; espadas ou sem-trunfo.

TESTE LITERÁRIO — 1.º — Gaspar Correia; 2.º — Gá. Viçente; 3.º — Garcia de Orta.

FICCIONISTA OU ROMANCISTA?

(Continuação das págs. centrais)
 romance, converter o que era o abreviário dos cortesãos em livro para todos os adeptos do cristianismo.
 Durante mais de vinte anos, São

LÍNGUA PORTUGUESA

(Continuação da 3.ª pág.)
 Ele ficou com uma moeda DE MAIS.
 Ele ficou com uma moeda DE MENOS.

EVOLVER e EVOLUIR

(A sr.ª D. Guiomar Mendonça, Lisboa.)
 No Dicionário de Dificuldades Informei:
 «Evoluir» é galicismo, formado de *evoluer*. Está mais vulgarizado do que *evoluir*.
 Evoluir. Melhor forma do que *evoluir*, galicismo generalizado. Pode comparar-se *evoluer* como *evoluir*, resolver, para se lhe notar a boa feição portuguesa.

Quero dizer, embora EVOLVER fosse melhor formação do que EVOLUIR, a generalização de EVOLUIR parece torná-lo arrastado.

O mais autorizado Vocabulário da nossa Língua, o de Aniceto dos Reis Gonçalves Viana, já registava EVOLUIR, embora dando preferência a EVOLVER.

ALFAMA

(Ao sr. Vasco da Cunha Mendes, Lisboa.)
 ALFAMA é nome proveniente do árabe — AL-HAMMA. Esta palavra significa fonte quente. No tempo dos Mauros havia em Alfama uma fonte de água quente.

Quando se diga, por exemplo, que Morálio, autor do «Amadís de Gaula», e Francisco de Moraes, autor do «Palmeirim de Inglaterra», são ficcionistas, nada mais lógico e natural. Também é perfeitamente compreensível e justificável que João Pedro Camus seja designado um ficcionista. Mas, tratando-se de um Richardson, de um Dickens, de um Balzac, de um Dostoiévski, para só citar estes, que, nos seus romances, pela nitidez da observação psicológica, pela análise dos sentimentos e pela verdade na descrição dos meios, criam figuras e tipos, desenhando os caracteres, pintam os costumes e exprimem, enfim, a vida nos seus múltiplos aspectos, pacíficos e caprichosos e a tornam inteligível, — não será absurdo, e até desprimoroso, dizer que aqueles escritores e os seus discípulos ou imitadores de todos os países, no passado e na actualidade, são ficcionistas?

Parece-me aconselhável — salvo o devido respeito — o regresso ao vocabulário tradicional. Toda a gente sabe, em Portugal, e em toda a outra parte do Mundo, o que significa o romance, e compreende perfeitamente todo o alcance do qualificativo de romancista que se tem dado, através do considerável número de seus romances, ao autor de *Amadís de Gaula*, aparecem numerosas variedades daquele género. Assim, há romances cuja leitura é capaz de fazer esquecer a nossa vida; são verdadeiras ficções, por vezes encantadoras e maravilhosas ficções. Há também, paralelamente, romances que esclarecem e tornam inteligível a nossa vida. Todos os autores de semelhantes obras são romancistas. Mas se nos acostumarmos a chamá-los ficcionistas, neste caso estabelecer-se-á nas mentes uma confusão irremediável.

«Torres junto do altar. — 23.
 MARY OLDIFER Marinha Grande (G. C. L.)

27 Negas os princípios da honra se tocas de leve no inimigo indefeso. — 23.
 SILVACE Lisboa

28 A loucura com o ciume vive. — 12.
 VIMAPEUR Lisboa

29 Quando o mundo tempo acaba por enfadar. — 32.
 BILKAR Lisboa

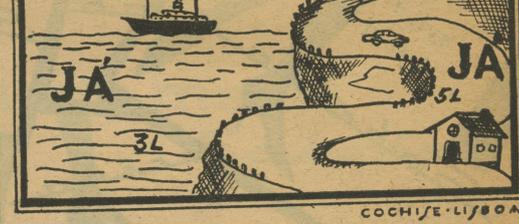
30 Ao freio não ponhas asós. — 32.
 GRIGOTO Sintra

31 Mancha de honra nunca desaparece, por mais que se rape. — 32.
 LUJOCA (F. L.) Setúbal

32 Ando de lado... por ser desajeitado. — 32.
 RICARDO Lisboa

ENIGMA PITORESCO

33 (16 letras)



COCHIE LISBOA

SERÁS BOM GUARDA-LIVROS se confiares no prof. Lourenço de Carvalho.

Condições especiais para quem sabe Contabilidade. Ensina individual e por correspondência. Ave. Praia da Vitória, 13 - Lisboa - T. 732880

Desjrece receber, grátis e sem nenhum compromisso, a folha elucidativa

NOME... MORADA...